

## “A CAUSA SECRETA”, SECRETAS CAUSAS: NUANCES DA IRONIA MACHADIANA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sylvia Telaarolli<sup>1</sup> (UNESP)

### **Resumo:**

*Nesta releitura de “A causa secreta”, conhecido conto de Machado de Assis, publicado no volume Várias histórias em 1896, pretende-se explorar o modo como o autor, em um conto aparentemente “sério”, constrói uma narrativa permeada pela ironia, entendida aqui não em sua concepção mais restrita, como figura da inversão, mas como modo de construção textual que leva à reflexão sobre a natureza e a função da literatura, a par do enfoque crítico acerca da condição humana. O processo de dissecação alimenta a trama; o efeito de espelhamento das situações criadas revela que sádicos somos todos, desfrutando do prazer de observar o sofrimento alheio e a literatura, pelo recurso à ironia, torna-se espaço privilegiado para a expressão dos mais escusos anseios que habitam o interior do homem.*

**Palavras-chave:** ironia, conto, Machado de Assis, modernidade.

Inicia-se esta leitura lembrando que, para desfrutar da ironia, é preciso exercitar a “capacidade de ler nas entrelinhas, nos silêncios, nos espaços vazios e nas incongruências”, com a plena convicção de que esta é “realização conjunta de autor e leitor”. (DUARTE, 2006. p. 38)

Como ocorre com vários contos de Machado de Assis, mais especialmente aqueles que exploram com mais vagar a psicologia das personagens, o conto em questão não privilegia a ação, os eventos, o ritmo dos acontecimentos; o que se destaca, sobretudo, é a ambientação, a sutileza dos sentimentos, das relações humanas, as impressões sugeridas.

As referências, entretanto, à vida social, direta ou indiretamente, estão expressas no conto: o modo casual como o narrador apresenta a passagem da “malta de capoeiras” que ataca o empregado do arsenal de guerra, situação quase que corriqueira, deixa no leitor a impressão de que esses ataques e a óbvia tensão social que os alimenta é parte da rotina dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, ocupada de um lado por uma seleta elite de abastados, aristocratas e burgueses emergentes, de outro por um grande contingente de escravos e também por muitos desempregados, marginalizados e ociosos.

As obras de Machado de Assis, de modo geral, “parecem recusar a face medonha da sociedade que retratam” (DUARTE, 2006. p. 142); apenas parecem, pela tonalidade branda, pelos jogos de dissimulação, pois cada vez mais os estudos críticos nelas têm constatado a presença das tensões sociais, encobertas ou reveladas. O conto em questão explora, além das questões inerentes à condição humana, a “íntima relação entre a prática da ciência e a mais fria impassibilidade perante a dor alheia” (BOSI et al., 1982. p.166); Fortunato estuda e dissecou friamente a dor, quando atua na casa de saúde, utilizando com frequência os cáusticos (o que fere, queima, cauteriza para curar) com a mesma indiferença com que, a pretexto de estudar anatomia e fisiologia, para horror de sua esposa, dedica-se “a rasgar e envenenar gatos e cães” (p.515). Destaque-se

que a prática da ciência, aqui exposta, provoca muito mais pavor do que admiração ou confiança.

Neste conto vê-se um dos “veios negros do Machado maduro” (BOSI et. al., 1982. p.166) como em “O alienista” ou em “Conto alexandrino”, tematizando satiricamente a equivocada idolatria que no momento havia com relação à ciência. Ao enfocar com toda a crueza o sadismo, o conto alude também, mesmo que indiretamente, ao modo como, em uma sociedade de raiz escravocrata, o tratamento do sofrimento, especialmente o alheio, toma feição rotineira, como bem se vê na relação entre Prudêncio e Brás Cubas, na infância e depois no episódio do vergalho, em “O caso da vara” ou em “Pai contra mãe”. No conto ora analisado essas questões são secundárias, pano de fundo para outras indagações, mas sem sombra de dúvida estão muito presentes no texto.

Na verdade, o centro da atenção maior solicitada pelo narrador volta-se à definição do sombrio perfil de Fortunato, intrigante figura que assombra o conto. O narrador explora a estupefação de Garcia, o jovem médico, ante a frieza e prazer com que Fortunato encara as dores físicas e morais com as quais se defronta ao longo do texto. Não é gratuito o fato de a narrativa iniciar-se no momento de seu clímax - a passagem da apreensão do rato, preso e torturado no gabinete-e voltar-se em *flashback* aos fatos passados, retornando depois, ao final do texto, em movimento circular, ao momento extremo da constatação do sadismo de Fortunato, para então deslanchar rumo ao trágico desfecho. A circularidade no andamento da narrativa parece reiterar o modo como Fortunato, na ação, envolve – e lentamente garroteia – sufocando, aqueles com os quais convive.

É preciso, portanto, que nós também agora voltemos, retomando o percurso de Garcia e Fortunato: no ano de 1860, quando Garcia é ainda estudante de medicina, encontra-se à porta da escola com Fortunato; a figura provoca-lhe “forte impressão”, mas dela não se recordaria não fosse o segundo encontro, dias depois no Teatro de S. Januário, quando chama a atenção do rapaz a reação do observado ante a peça a que assistem: “Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho.” (ASSIS, 1985. p. 512); após o drama, vem uma farsa, mas ela não interessa ao espectador, que abandona o local; algumas semanas depois, ocorre o reencontro, em que Fortunato socorre com muita presteza Gouveia, o empregado do arsenal de guerra, atacado e ferido pelos capoeiras; nesse momento estranha-se a indiferença com que Fortunato assiste à dor “olhando friamente para o ferido, que gemia muito” (p.513); também seus olhos se destacam “olhos claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham expressão dura, seca e fria.” (p.513), lembrando imediatamente ao leitor os olhos de um predador ante sua vítima. Depois de vários encontros casuais, estando Garcia já formado, Fortunato o convida para ir a sua casa; o contato é amigável, mas permanece a impressão primeira: “A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes.” (p.514)

O contato e a frequência se intensificam, estimulados pelo interesse que o jovem médico nutre pela esposa do outro; repete-se, ainda, a conduta de Fortunato, sempre dedicado a quem sofre, debruçado sobre a dor alheia; chegam a fundar uma casa de saúde e a atuação de Fortunato é incessante, constante, de tudo trata, da administração às refeições, das compras, das drogas, cuidados com os pacientes. “Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. - Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele.” (p. 515) Cresce o contato com o casal, aumenta a paixão do rapaz pela esposa do sócio. Até que, enfim, ocorre o incidente marcante, com o qual o

narrador inicia a narrativa, momento em que o médico e Maria Luísa flagram Fortunato torturando o rato, cortando-lhe os membros e queimando-o, para provocar o mais terrível sofrimento, até chegar à morte. A partir de então, a moça adocece, nervosa e triste e ambos os homens vêem-na definhando até a morte, o marido, desfrutando de cada detalhe “Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte.” (p. 518)

A cena flagrada no gabinete, a partir da qual deslancha o conto, confirma a suspeita insinuada ao longo da narrativa, revelando que de fato Fortunato é uma espécie de sádico, que se compraz no desfrute do sofrimento de homens e animais. Essa seria, então, a “causa secreta”, que explicaria a estranha conduta da personagem.

Todavia, tratando-se de Machado, não é essa obviamente a única causa que alimenta a trama. É possível ler nos interstícios da narração causalidades mais profundas para explicar as bizarras da alma humana. “A causa secreta” apóia-se, sobretudo, no recurso à ironia e a ironia se constrói a partir do modo como o narrador trama as diferentes camadas da teia narrativa. Trata-se de um narrador heterodiegético, que “narra uma história à qual é estranho” (REIS e LOPES, 1988. p. 121) e tende a adotar uma “atitude demiúrgica em relação à história que conta” (p.122), o que facilita e mesmo justifica a exposição parcial das informações, expostas à medida da conveniência do andamento dado à história. Curiosamente, ao mesmo tempo que o narrador declara já no primeiro parágrafo do conto que “Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem reboço.”(ASSIS, 1985. p. 511), o mesmo narrador pouco revela conforme conta, o que justamente cria um certo suspense, que prende a atenção do leitor intrigado.

Garcia sente por Fortunato grande curiosidade, oriunda de uma sensação de atração e repulsa ante seu comportamento; nesse sentido, o jovem médico atua como uma espécie de dissecador da alma do outro e de sua esposa:

Garcia estava atônito. Olhou para ele (...) A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade(...) (p. 513)

Tudo isso assombrou o Garcia. **Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo.** (p. 514)

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da Rua de D. Manuel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. (...) **Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente.** (p. 515)

A curiosidade que motiva o interesse do jovem médico pelo outro chega mesmo às raias do masoquismo, o que é bem perceptível no flagrante à tortura do rato apreendido no gabinete:

(...) O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. **Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do**

**homem impunha medo**, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia (...)

**Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem.** Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. (pp. 516, 517).

Curiosamente, esse interesse de dissecador de almas que caracteriza a conduta do jovem médico, estará espelhado pouco adiante no olhar de Fortunato que, de observado passa a observador, no momento em que ambos velam o cadáver de Maria Luísa, já tarde da noite, quando tenta dormir um pouco mas não consegue e volta silenciosamente à sala, sem ser percebido. O narrador, então, apresenta detalhadamente as reações de Fortunato ao espreitar o sofrimento calado de seu acompanhante:

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beijos.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. **Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.** (p. 519)

As reações de curiosidade, atração e estupefação de Fortunato, acima transcritas, na verdade espelham as reações anteriores de Garcia ao observá-lo; no caso de Garcia a dissecação da alma do outro culmina em desagrado e repulsa; já Fortunato reflete invertido o sentimento, como num espelho, pois desfruta lentamente, com prazer, da dissecação do sofrimento do apaixonado de sua esposa. Como bem demonstra a transcrição do fragmento, tudo é apresentado em detalhes, vagarosamente, pelo narrador, que tudo observa.

O texto traz, assim, várias atitudes espelhadas. A conduta sádica de dissecação prazerosa da dor alheia observada no comportamento de Fortunato espelha-se na dissecação de almas empreendida também com prazer por Garcia, voltando em ricocheteio no regozijo sentido por Fortunato ao constatar o desespero do apaixonado com a morte da mulher desejada e perdida. Mas o texto parece trazer ainda outras revelações, no modo como o narrador vai, aos poucos, ora omitindo, ora expondo detalhadamente a dor e o sofrimento das personagens. Não parece exagero pensar, a partir do modo como se apresenta a narrativa, que também o narrador desfruta do sádico prazer de expor ao estupefato leitor os mais distintos matizes da dor humana, em seu aspecto físico, moral, afetivo.

Todavia, não é também tão ingênuo o leitor que assiste a todo o sofrimento: dos animais torturados, do funcionário do arsenal de guerra, dos pacientes da casa de saúde, de Garcia e Maria Luísa, sem perder um só lance, sem conseguir por um segundo tirar os olhos do verdadeiro esquartejamento físico e moral exposto. O narrador, insidioso,

parece querer lembrar que todos trazemos na alma um pouco do negrume, da frieza e da atração pela dor patentes em Fortunato. Ironicamente, somos levados a pensar: não sejamos assim tão inclementes, pois nossas fraquezas nos igualam. É melhor, então, acatar o narrador e “aceitar o coração humano como um poço de mistérios” (ASSIS, 1985. p. 513).

Mas não se esgotam ainda nesse aspecto as nuances irônicas do conto; o modo como o sinuoso narrador esconde e revela a seu gosto os fatos, leva o leitor a refletir sobre a riqueza da velha arte de narrar. A “pura sensação estética” que se evidencia no prazer com que Fortunato se deleita com a dor do rato torturado não é muito diferente do prazer que sentimos ao ler e decodificar uma narrativa, nós, também, dissecadores... de textos. Além disso, o modo como Fortunato demonstra tanta atração pelo dramalhão, acompanhado com atenção no teatro de S. Januário espelha um interesse que é nosso também, sempre muito mais atraídos pela face trágica, mais densa de significações, que pela leveza da farsa. O prazer e o pavor diante do lado trágico da arte e da vida será sempre mais intenso que diante da aparente inconseqüência da farsa.

Há, como se vê, muito mais causas e secretas motivações para os fatos apresentados na história do que constata uma primeira leitura, reiterando a conclusão de que o texto machadiano traz uma gama quase infinita de nuances para a interpretação. As nuances irônicas incrustadas no texto insinuam a reflexão metatextual, reiterando a visão de um Machado bastante moderno, afinal

Ironia e modernidade não são exatamente sinônimos, mas as duas palavras estão bem mais próximas do que se imagina (...) a ironia – aquele movimento que faz a linguagem se suspender ou se negar a si mesma – está na raiz de todo o período moderno. Acima das diferenças entre os muitos períodos que marcam a história da consciência a partir de Kant, esse gesto de suspensão e autocancelamento da linguagem se repete, na literatura como na música com a força de uma obrigatoriedade como se não fosse mais possível imaginar outro modo de expressão. (NESTROVSKI, 1996. p. 7).

Momento em que literatura e crítica se aproximam, expressão da consciência, arte refratada na própria arte, o texto se faz espelho que se desdobra em imagens que mutuamente se refletem, compondo distorcidas mas semelhantes figuras; temos aqui a dissecação como tema que conduz à dissecação do próprio objeto artístico.

O jogo do espelhamento provoca a malícia, produzindo um leitor desconfiado e “Leitores desconfiados de fato não podem ser leitores distraídos.” (DUARTE, 2006. p.12), pois a ironia é recurso que pressupõe e exige a sagacidade, “(...) é mais intelectual e mais próxima da mente que dos sentidos, é mais reflexiva e consciente que lírica ou envolvida.” (p. 19)

Resta, ao final, a questão: o texto expõe os desencontros de Fortunato, Maria Luísa e Garcia ou conta a história dos engodos de um tempo que reverenciava desmesuradamente a ciência ou apresenta os meandros escusos das paixões humanas ou reflete e faz refletir sobre o processo de produção e recepção do texto literário? Certamente fala de tudo isso, porém, o que mais importa não são os aspectos tematizados, mas sobretudo o modo genial e singular como são tratados.

***Referências Bibliográficas***

ASSIS, M. de. A causa secreta. In: ASSIS, M. de. **Obra Completa** (organizada por Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, v. II, pp. 511-519.

BOSI, A. [et al.] **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção escritores brasileiros: Antologia e estudos, 1).

DUARTE, L. P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

NESTROVSKI, A. **Ironias da modernidade**. São Paulo: Ática, 1996.

---

<sup>1</sup> Sylvia TELAROLLI, Professora Titular  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)  
Departamento de Literatura/Campus de Araraquara  
E-mail: syltela@uol.com.br